

VILÉM FLUSSER

Merano, 17/1/73

27 X
a

Meu caro Milton, sua carta de 21/12, (a do Clockwork Orange e do mandamento que eu engola meus problemas afim de digeri-los), chegou somente hoje. Já senti muita falta. É claro: os problemas que contam pouco têm a ver com o momento histórico, (e menos ainda com geografia), mas têm a ver com que es tá por traz disto. Se as coordenadas histórico-geográficas aparecem em nos sas cartas com destaque exagerado, é que a geografia se intrometeu entre nós, e tapa as coisas verdadeiras por trás: por exemplo nossa amizade. Falamos tanto em geografia, afim de desconversá-la e fazer reaparecer, (epiphainein= resplandecer) a realidade. Tentarei hoje ser mais "realista". Que se danem os blocos-colosso, as apocalipses e os movimentos em arte, para hoje. Eis alguns dos meus problemas que procuro engolir para digeri-los: (1) Oscilo entre três extremos, (há pendulo assim construido?): engajamento em cultura, (ai que pretensão!), escrever o que me dá na cuca, e fazer um trabalho "sério em teoria de comunicação. As três coisas não são muito bem combináveis, e ca da qual tem seu lado duvidoso. (a) Creia, (e não o diria a ninguém salvo a você), que seria relativamente fácil eu ficar famoso. Posso publicar minhas besteiras em várias revistas francezas, (que ainda são as mais "elegantes"), posso dar aulas organizadas pelo Ministère des Affaires Culturelles, posso até publicar livros. Mas como engajar-me em cultura, se não tenho mensagem? Defender o ponto de vista que não tenho ponto de vista? Lemra-se em que deu minha coluna "posto zéro"? Assumir novo posto sob tal cifra? E há mais: a última estadia em Paris, por certo emocionante e instrutiva, me mostrou em definitivo a vaidade do mercado dos intelectos. (b) Sentar em Merano, passe ar pela neve, e continuar escrevendo as "coisas que me cercam" é extremamen- te atrativo. As coisas são todas incrivelmente fascinantes quando se tenta conceder-lhes a palavra. (Uma série de coisas, entre elas a cama e as garra- fas, está para ser publicada pela Comissão estadual de cultura. Se não me en gano alguns dos seus amigos fazem parte. É possível saber se e quando sai is to?) Pois as Edições Mame, e talvez Denoel, estão interessados. Anexo os "livros", para ver em que direção estou pensando. Abandonei um pouco o mode- lo orteguiano de estilo, e estou mais denso. (Mas a cadência continua ritma- da.) (Veja você um pouco de geografia: aqui notaram imediatamente estes de- talhes estilísticos, que no Brasil continuam despercebidos há 20 anos.) O se- ão nisto é este: Se escrevo o que quero tenho dificuldade em disciplinar-me. Passo a ser "épico", isto é desmedido, e tenho horror de tódo epos, (para mim, bem entendido, não para o autor do livro de Esther, nem para Homero, nem para Dante. Ai, o momento histórico novamente!) Note que (a) e (b) não são a mesma coisa. (a) é Paris e (b) é Merano. (c) Posso tentar fazer um dicio- nário de comunicologia. Não existe nenhum decente. Os termos como "mensa- gem", "meio", "significado", "símbolo" etc. são usados indiscriminadamente, e constituem verdadeira diarreia verbal mistificante. Tal trabalho me força- ria a higiene mental saudável, e clarificaria minhas ideias. O senão é este

Como se pode justificar um engajamento tão abstrato quando o noticiário "del terzo" vomita diariamente as suas imundices, (hoje fome em Bangla-Dech), para dentro da minha sala? O José Bueno tocou este problema, (à sua maneira), em carta recente. Haverá ainda espaço para contemplação distanciada, (Teoria), depois da "morte de Deus" e a comunicação de massa?

Por certo: estes não são os problemas fundamentais, mas são os imediatos. Os fundamentais têm a ver com o "espaço" mencionado. Se não há nada por trás das coisas, tudo é permitido. (Não apenas manipular os outros, ou cair na farrá, mas também fazer teoria. Que culpa tenho se minha tara é teoria?) Mas se o nada por trás das coisas for aquele abismo do qual falo na "cama", (e o qual faz você dizer que o Papa não pode cometer crime, embora você o diga mais para poder crê-lo, e menos porque você o crê mesmo), se tal nada for Isto, então muita coisa não é permitida, e muita outra deve ser feita. Mas aí a gente dá outra cambalhota. Este nada que é Isto não é sinônimo de "minha vocação", já que a prece principal judia começa pela palavra "ouça!"? Mas aí devo confessar que tal palavra no original é "chemá", que significa "ouça", mas também "obedeça". E, sem dúvida, tal obediência não é convite para fazer-se o que dá prazer, mas outra coisa que nem tenho coragem de pensar, e muito menos de fazê-la. Este meu problema fundamental, e não consigo engolilo, (let alone digeri-lo). Não é, graças a Deus, o seu. Por sorte, (ou mérito, ou sei lá), o que dá prazer a você é também aquilo que "deve ser feito". Mas, por certo, (ou por justiça, para novamente falar judicamente), você tem outro. Acho que te conheço bem e sei pelo menos localizar seu problema. É isto: você é demasiadamente honesto para ter fé, e isto é tão angustiante quanto o meu caso. (Em mim o problema da fé é diferente: tenho-a ao afirmar que não a tenho). Em conclusão: nenhum de nós dois teria chance em candidatar-se à santidade.

Você deve ter notado que não falei na Bienal: estão me cozinhando em água fria, e não consegui ainda nem largá-la nem tocar para frente. Mas dei-me conta de uma coisa: a dívida que tenho para com o Brasil, não é a dívida para com um país, (entidade abstrata), mas com meus "outros". (Leia por favor o artigo anexo). É dívida que tenho com você e com alguns poucos outros. Nunca posso saldá-la. A Bienal seria uma prestação, mas há outras possibilidades de pagamentos parciais. Penso nisto em (a), (b) e (c), (embora isto também talvez não passe de má consciência e desculpa). Sem dúvida: a Europa é Jardim de Delícias para alguns, (não para a maioria de europeus), mas não permitirei que seja isto para mim. Isto prometo. (Mas confesso que é delicioso escrever teorias ou ensaios na Europa.)

Estou, como você vê, confuso. Você está me faltando. Que burrice de não poder aproveitá-lo. Mas creia me: há um sentido em dizer que te aproveito melhor aqui que em S. Paulo. (A mera palavra "S. Paulo" evoca em mim, e tens razão, Clockwork Orange). Talvez isto passará, mas é assim por enquanto.

Posso dizer, sem cair em banalidade e propaganda comercial, (já que Natal e Ano novo são datas comerciais), que desejo para você e os seus toda felicidade de todo coração.

Seu amigo